

DESAMADO

Livremente inspirado no texto “As mortes e o triunfo de Rosalinda”, de Jorge Amado

Orientação dramaturgica: Gil Vicente Tavares

Texto: Adriana Oliveira e Denisson Palumbo

Letras de música: Denisson Palumbo

Composição das músicas: Eduardo Lago

EPÍGRAFE: RETÓRICA

*Quem dirá o que é o mal
E o que é o bem
Se todas as coisas se tocam
E se devoram
— Alfa Ômega —
E no final
É a mesma terra suja
De ninguém?*

(Myriam Fraga)

PRÓLOGO: AMADIANO

Foco numa máquina de escrever. Entra o Escrivão.

ESCRIVÃO:

História sem pés nem cabeça! História digna dos tempos de viver em que vivemos... institucionalizados e redimidos do pecado universal.

INTERLÚDIO I: AMADIANO

*Jejuem os julgamentos.
Joguem fora a fome infame*

*E me matem sem mistério
Minha morte é sem reclame*

QUADRO I: COVIL

Enquanto Romero fala o Escrivão datilografa rápido.

ROMERO

Basta de gritos, cavalheiro! Não me interessa saber se o distinto é autoridade ou não, não admito gritos seja de quem for, não sou moço de recados de nenhum patrão nem governador de estado tremendo ante qualquer patente militar, não suporto gritos. De Rosalinda muita coisa suportei antes de decidir-me a fazer justiça com minhas próprias mãos, jamais, porém, ela elevou a voz cristalina para gritar comigo, e por que havia de gritar? Ninguém precisa gritar, não tenho por que guardar segredo, o fato é público e notório e o programa de maior audiência da televisão transmitiu ao vivo o assassinato de Rosalinda, o sétimo por mim cometido na mesma vítima inerte e ressuscitada, a Virgem de bronze, a

meretriz dourada, a santa milagrosa canonizada pelos anticomunistas chineses, Boa Bunda. E não, meu caro amigo, não... se vossa excelência permite-me tal intimidade, não sinto o menor remorso. Não precisa o caro colega insistir: “Não matarás, não matarás”, como se falasse a um gentio, ao ditador do Paraguai ou a um índio perdido na selva. Não sinto o menor remorso, não perco um minuto de meu sono de inocente. E por que haveria de sentir remorso? Porque um judeu do Egito gravou na pedra uns quantos mandamentos?

ESCRIVÃO

Um grande homem em sua altivez, ao enfrentar assassinos, com desdém, julga! Ele conhece a morte até ao fundo. Foi um grande homem quem criou a morte.

INTERLÚDIO II: RECEITA

*Rosalinda teve a vida feita
E a morte igual, feito receita:
meia colher de culpa cheia
rosto de desprezo a gosto
calada língua bem picada
e ferva tudo em fogo baixo
e sirva tudo em grande tacho*

QUADRO II: AÇOUGUE

ROMERO:

Matei Rosalinda a primeira vez pela boca. Feito peixe morre... no fio do anzol... Ela adorava galinha à cabidela e eu misturei veneno no molho; no sangue. Receita que aprendi com mulher do açougueiro.

LIBANÊS (com um cutelo na mão)

Romero!

ROMERO

Olá, turco.

LIBANÊS

Turco, não... que eu sou libanês.

ROMERO:

Que seja... eu não sou vegetariano... e o senhor andou espalhando isso pela rua... e nem por isso eu me incomodei.

LIBANÊS:

Então... Por que o freguês não compra mais carne?

ROMERO:

Economia doméstica.

LIBANÊS:

O que é isso? Um homem não pode viver sem carne!

ROMERO:

E por isso seus negócios vão bem, não é mesmo?

LIBANÊS:

Não só por isso, é pelo meu esforço... meu e de minha esposa.

A mulher entra.

JUDIA (**ajeitando a roupa**)

Vai lá ver o que o entregador quer, eu não consigo resolver o problema dele.

LIBANÊS

Outro entregador essa semana? Deixe... deixe que eu resolvo. Já te despacho

Ele sai de cena.

ROMERO

Não tenha pressa, turco.

Ele volta à cena

LIBANÊS

Já te disse que sou Libanês. Se eu te chamasse de argentino?

ROMERO

Tudo menos isso!

LIBANÊS

Eu digo o mesmo. Estamos entendidos? E eu e minha mulher, somos libaneses.

Ele sai de cena, mas antes entrega o cutelo à mulher. Silêncio.

ROMERO

Que pedaços de carne você tem pra mim hoje?

JUDIA

Os melhores pedaços

ROMERO

Do boi?

JUDIA

Da vaca.

ROMERO

E da novilha?

JUDIA (**entregando o cutelo**)

Quer ter o trabalho de cortar?

ROMERO

Com todo prazer.

JUDIA

E a mulata? Soube que ela andou por aí de novo com aquele portenho...

ROMERO

Rosalinda? Ela morreu. Você não sabia? Eu mesmo a matei

JUDIA (**muito excitada**)

Você matou Rosalinda? Quando?

ROMERO

Durante o almoço.

JUDIA

Como?

ROMERO

Preparei aquela receita que você me ensinou. Bastou uma pequena dose. Mortífera dose. Ela se lambuzou da cabidela. Depois alongou a língua e morreu.

JUDIA

Que delícia. Agora sou eu a predileta? A heroína? A rainha?

ROMERO:

Você sempre foi a minha israelita ruiva predileta, cor de fogo... rubra em todos os cabelos... até os do rabo! Um rubro mais queimado, belo e inédito que jamais pintor algum conseguirá reproduzir.

JUDIA

Que lindo, mas não me iludo, pois sei bem qual a sua preferência...

ROMERO

As mulatas? São distintíssimas, diferem de todas as demais, sem comparação. Não nego! Inclusive preferia Rosalinda em seus dias de mulata e profissional, quando ariana e amadora tinha olor de vela de cera... de cadáver recente.

JUDIA

Olha aqui. Eu também posso me fazer de mulata como a sua Rosalinda (**requebra meio sem jeito**)... A rainha do seu carnaval!

Eles riem intermitentes e enquanto ela continua rindo, Romero fala:

ROMERO:

O que deixava a levantina no auge da excitação é o fato indiscutível de eu não ser semita e sim, batizado na igreja do Bonfim em dia de chuva. Eu não sou circuncidado... e isso lhe provocava prazer antecipado. Com ela eu experimentei variações cinematográficas e taras de primeira ordem, vasculhei-a de cabo a rabo... mas percebi que para a judia servia qualquer cidadão batizado na Santa Madre Igreja, porque ela sofria de furor uterino, e pra satisfazê-la só uma sociedade anônima de galegos fortes e dispostos, alguma espécie de maçonaria!

Ela sai de cena

Não seria eu sozinho capaz de tanto. Então, deixei-a aos tantos.

INTERLÚDIO III: COITO

*Ressurgiu Rosalinda diante de mim
Meretriz dourada dona dessa intriga
Engarguelei ela de gozo e suspiro
Fustiguei Rosalinda até a fadiga
e assim ela morreu quando voltou
pra aprender que eu sou quem te castiga*

ROMERO (ao Escrivão)

Rosalinda voltou. Voltava sempre com seus ares de doida a me tirar do deserto do tédio. A meretriz dourada voltava sempre... sedenta. Escreve aí... a segunda vez que a matei foi à força. Depois de descobrir falsidade venérea. Eu a fustiguei até a fadiga de meu falo. Se eu violentei Rosalinda? Como poderia fazê-lo se já nascera violentada. Se foi ela mesma quem me arrastou à devassidão e ao horror do pecado... eu me sentia num grande deserto...

Silêncio.

QUADRO III: ALCOVA

PORTENHO

Romerito!

ROMERO

Portenho!?

PORTENHO

Por que o espanto? Está em meu castelo e não esperava me encontrar?

ROMERO

Foi o meu faro que me trouxe até aqui...

PORTENHO

E acho que o seu faro está muito bom. Ele te trouxe ao melhor lugar da cidade

ROMERO

E a pior companhia das Américas.

PORTENHO

O problema é que já estamos fechando o mercado. Você disse o quê?

ROMERO (**farejando**)

Ela está aqui, não é?

PORTENHO

Quem?

ROMERO

A inconfundível. Sinto o cheiro dela perfumando essa espelunca.

PORTENHO

Não seja idiota, homem, não foi você mesmo quem a matou? Esse cheiro que está sentindo, está em você, entranhado.

ROMERO

Matei. Matei quando descobri que ela estava tendo um caso.

PORTENHO

Rosalinda era uma mulher da vida com a arte de escapar da morte. Era muito fardo pra um homem só... e muita fartura! Mas eu posso arrumar uma pra você, Romerito, aqui tem flores pra qualquer jardim, **(ao seu chamado, uma mulher muito exausta)** de todas as cores, todos os perfumes, dos mais baratos aos de loja de grife. Veja como ela se abre só em te ver, está doida pra te dar alegria. **(Para a mulher)** O que importa é praticar, não perder o rebolado!

ROMERO

Eu não vim aqui atrás de outra Rosalinda. Vim atrás de própria. Sinto seu cheiro.

PORTENHO

Claro, eu entendo, ela tinha vantagens voluptuosas, pares de vantagens e foi isso que a fez famosa por aqui. Mas agora veja essa. Ela fica bem atrás de Rosalinda, principalmente nos quesitos traseiros, mas se faz um preço camarada, camarada!

ROMERO

Não me chame de camarada. Tire esse riso do rosto. Eu não quero saber.

PORTENHO

Está abatido, Romerito! Devia se cuidar mais. Assim seu passe se desvaloriza.

ROMERO

Recentemente recebi tentadoras propostas de afamados prostíbulos europeus.

PORTENHO

E por que não aceitou?

ROMERO

O patriotismo me impediu.

PORTENHO

Não acredito! Mulheres! Olha essa aqui!

ROMERO

Você fala de mulheres... eu falo de uma deusa.

PORTENHO

Assim não dá. Precisamos combinar as regras desse jogo. Assim não dá.

ROMERO

Que jogo? O meu jogo? Nele você é o gandula e eu sou centroavante.

Romero exhibe o cutelo.

PORTENHO

Você já está trocando as bolas! Ora, Romerito, entenda

ROMERO

Não me chame de Romerito!

PORTENHO

Abaixa a bola homem e pense... o que nos separa, além do futebol?

ROMERO

Tudo nos separa! Nada nos une.

Romero avança de vez.

PORTENHO

Ela nunca te amou, Romero. Você queria que ela fosse uma prostituta redentora, que sofresse por isso, mas nela não há lugar para a piedade.

ROMERO

Algo mais a dizer, um último pedido? Seja rápido

PORTENHO

VIVA ARGENTINA!

Black-out

INTERLÚDIO IV: ART-NOUVEAU

ESCRIVÃO:

Continue.

ROMERO

Mas não matei o amante de Rosalinda, mas o fiz sangrar o bastante pra decorar o salão de seu cabaré e hoje o meu nome é honrado como decorador profissional (**dá um cartão, tirado da casaca que vestiu ao Escrivão**) Precisando... Prefiro o pior profissional ao melhor amador. E com esse profissionalismo que matei mais uma vez Rosalinda. Pra decorar minha casa! Decorei-a com o sangue dela, tirei tanto sangue... e de tal maneira, que o tapete, e até as cortinas ganharam um tom de vermelho triunfante.

*A cor do corte
O corte quente
O corte em cores
A cor em fria*

*morte é pintura
que se mistura
numa só tumba
pra dois defuntos*

QUADRO IV: FOYER

FIDALGO

Senhor Romero, como estás?

ROMERO

Vossa Senhoria, Walter César Leal Campos de Carvalho e sua excelentíssima esposa! (**Romero a olha de cima abaixo, lascivo**). Eu vou bem. E a madame?

Ela somente acena com a cabeça, pedante. E assim permanece até o fim da cena.

FIDALGO (**para a esposa**)

Soube dos últimos acontecimentos, um fato realmente sórdido... Fiquei a pensar, o que leva um cidadão a praticar um ato tão inescrupuloso.

ROMERO (**a todos**)

Copulá-la, era copular a cultura ocidental e a civilização industrial, era praticamente copular o próprio capitalismo... E estando o capitalismo moribundo, adquire-se certo caráter necrófilo.

FIDALGO

O senhor a matou durante uma cópula e ainda assim não interrompeu o coito!

ROMERO

Ah, sim... Isso foi na terceira vez, na quarta vez eu fui mais ameno. Eu a matei mansamente, enquanto dormia, acendi tantos charutos quanto pude e deixei a fumaça recheiar o recinto e tomar os seus pulmões. Ela morreu asfixiada.

FIDALGO

E não vais pedir clemência?

ROMERO

Clemência? Não tenho medo do inferno e da prisão como você. Pois lhe faltam os colhões de seu pai: aquele sim era um macho e limpava os cofres públicos com admirável consciência, nenhuma clemência!

FIDALGO

Senhor Romero, por gentileza, mantemos nossas posturas, somos cavalheiros distintos e como tal, agiremos. Não ouse discursar em nome da minha honrada família e dos meus antepassados que muito fizeram por essa republiqueta latino americana.

ROMERO

É verdade, até porque sua subversão e corrupção serão reveladas num inquérito jamais realizado, mas de admirável juridicidade, e terminaremos por ignorar sua honrada família para todo o sempre.

FIDALGO

Se há algum julgamento a ser aplicado, deverá atingir tipos como o senhor, que enxerga a vida como um grande teatro e acha que o sol é eterno. Daqueles que acreditam que o homem nasceu para a fornicção, hedonistas, senhores!

ROMERO

Falemos, então, desses assuntos... Falemos das coisas boas da vida.

Romero oferece um charuto ao fidalgo que fica efusivamente feliz.

FIDALGO

Charuto Danneman!

ROMERO

E a senhora, fuma?

FIDALFO (**fumando**)

- Ela só fuma cigarrilha. E ainda assim muito pouco. Nunca em público, em casa de vez em quando... quando fazemos festas... destas regadas a poesia e música, e aceitamos a todo tipos de artista... de alguns até somos menarca, à minha senhora encanta mais os literatos pobres... compramo-nos livros...

ROMERO (**acende um charuto mais grosso**)

Mas já notou como as senhoras gostam de ouvir palavrões? Quanto mais moralistas e devotas, mais estimam as palavras feias, os nomes sujos. Conheci a avó de um sujeito de uns oitenta anos, de ostentada virgindade, que o preferido dela era “prepúcio”. Já viu vossa senhoria palavrão mais horrível? Prepúcio!

Romero abre a casaca. Mostra-se nu. Fala a todos.

Também Rosalinda exigia um palavrãozinho na hora do coito e eu levava sempre comigo um bom dicionário da língua portuguesa para variar no vocabulário. Se bem que ela mostrasse nítida preferência pelo substantivo feminino ‘vaca’, elogio a deixá-la em transe.

INTERLÚDIO V: PALCO

*Vossa virgem santa
é tão obcena
é plena de vício*

*Digo isso e Deus
há de perdoar
Esse é seu ofício*

ROMERO: (**ao escrivão**)

- E isso eu disse, eu disse não, eu cantei, cantei bonito, repetidas vezes e no fim e todos me aplaudiram. Toda a sociedade era minha amiga! Depois virou minha inimiga, mas foi só depois que me indispus com certos aristocratas.

QUADRO V: BASTIDOR

DEPUTADO

Você matou mesmo Rosalinda?

ROMERO

NÃO! Rosalinda? Não. Ela está cada vez mais viva. A cada vez que mato.

DEPUTADO
O senhor sabe que eu sou Deputado.

ROMERO
DEPUTADO, eu a matei, e com um tiro na bunda!

DEPUTADO
Não se mata uma mulher como aquela, ainda mais com um tiro na bunda! Você cometeu um crime contra a humanidade, ou melhor, contra a sociedade!

ROMERO: (ao **escrivão**)
- Aí então ele foi embora e logo depois veio outro, da mesma laia, já estava me irritando, não sabe? Se tivesse com o cutelo na mão naquela ocasião...

MINISTRO
Por causa de sua temeridade, um investimento vitalício, morreu. Aquela bunda não estava no seguro, o senhor sabia? Íamos colocar milhões naquela poupança, mas aí vem o senhor e se inflama e faz isso!

ROMERO
Tem mais alguma coisa pra falar?

MINISTRO
Eu sou um Ministro. Então eu vou fazer o possível para que o senhor seja preso pela morte de Rosalinda Boa Bunda, entendeu?

ROMERO
Matei mesmo! Inclusive nessa quinta vez, se o Sr. Ministro quer saber, depois de fatar a sua bunda, piquei sua língua todinha, eu a defenestrei aos pedaços!

MINISTRO
DE... o quê?

ROMERO (ao **escrivão**)
- Escreva aí, Senhor Escrivão... defenestrou a vítima... o senhor sabe o que é defenestrar, não é mesmo? O Ministro, não... e pior foi quando veio o Chanceler

CHANCELER
Hola. ¿ Señor Romero Serrano?

ROMERO
- Quem é você? Como sabe meu nome?

CHANCELER
¿ Tú ya no lo has dicho?

ROMERO
O quê? Fale minha língua, seu/

CHANCELER:
Ten calma, calma, calma. Yo soy el Canciller de España y hermano de la Princesa de las Asturias

ROMERO:
¿Estás de brincadeira? Hijo de puta, puta, comprendes agora? Vá para la mierda

CHANCELER
Oiga, Señor Romero, yo ofrezco un kilo de oro por la Bunda Buena.

ROMERO

É ouro, não é? Um quilo de ouro, o senhor da Espanha me oferece pela Boa Bunda da Bahia, não isso tudo?

CHANCELER:

Oiga, Romero, ofrezco más. Pídame, pídame. ¿Cuánto quieres?

ROMERO

¿Por qué no te callas? E os 185 mil quilos de ouro da minha terra que chegaram a Europa? Muito peso em ouro? Quanto pesaria se calculados em sangue? Então, não venha querer me comprar com o mesmo ouro que me roubou, ou melhor, não venha querer comprar Rosalinda. A bunda de Rosalinda, ou que resta dela...

CHANCELER

-Entonces serás juzgado. En nombre del Arte, en nombre de la Belleza, en nombre de la Verdad., en nombre del Orden, en nombre de la Ley, en nombre de la Bondad. Todos les van a juzgar. El juicio será implacable

Sai.

ROMERO

E quem sois, oh, ínfimo verme, quem sois pra me julgar? A minha consciência? Há muito não a possuo, ainda jovem eu a empenhei por um prato de lentilhas e um par de brincos para Rosalinda. Foi, aliás, com esses brincos de ouro que a conquistei, quando ela reclinada nas ondas de monoquíni e monóculo, divertia-se a namorar e a bulinar o Patriarca de Alexandria, ali de férias de suas atribuladas dúvidas sobre a origem divina das pelancas. Pensava ela sobre a metamorfose do sêmen? Sobre os homens que a velhice desemprega ou glorifica? Sobre o fim do mundo repleto de partos e mortes? (**ao** Escrivão) assumo as minhas mortes e um dos partos. Matei Rosalinda sete vezes... a virgem de bronze... na sexta, sem misericórdia, com uma lâmina, na sétima e última, eu a atrolei com meu carro e isso todos já sabem, uma câmara flagrou, deu no noticiário da noite, ou seja, não tenho mais o que esconder, e mais... tenho a revelar... esperem pra ver.

ESCRIVÃO:

E isso é tudo?

Romero sai

INTERLÚDIO VI: JÚBILO

ESCRIVÃO:

É tudo. O Sr. Romero Serrano assume ter matado Rosalinda de Jesus, de alcunha Rosalinda Boa Bunda, não mais do que por sete vezes... E todas elas por motivo e virtude de amor. É sublime o ato de matar.

*é entre as entradas
sagradas do ventre*

*é entre as entranhas
tamanhas do ventre*

*do ventre do júbilo
donde surgiremos*

QUADRO VI: O TRIUNFO

ROMERO:

Sim, sábios de todos os quadrantes, vinde ouvir a espantosa notícia: estava eu, homem e machão... engravidado por Rosalinda, estava eu, repito e tremo... grávido... o ventre a crescer e entregue a desejos estranhíssimos, tais como espojar-me vestido de casaca no Teatro Municipal em noite de gala. Que filho crescia em meu ventre? – Perguntei ao universo inteiro e a mim mesmo. Respondeu-me a voz solene dos séculos e a espantosa verdade tornou-se clara e inadiável: em meu ventre tomava forma e corpo uma nova Rosalinda, ou seja, eu ia parir, num parto sem dor, segundo a técnica mais moderna, a minha própria mulher de quem eu estava grávido. Que outra solução senão abortar? Dizei-me, vós, tão moralista e montado em besta, que outra solução senão o aborto? Mas não o pratiquei, não houve tempo, Rosalinda nasceu. Rosalinda partiu para o futuro, cavalgando os corcéis do proletariado, levava o sol como estandarte e deixou-me de herança o apocalipse e essa página na História já escrita, o velho mundo abalado em seus alicerces e um tanto fedorento. Nada me deterá, porém, Sr. Escrivão, pode tomar por termo o meu depoimento: se eu não a matei, não foi nem por medo nem por respeito a leis e a mandamentos. Se não a matei, se a deixei partir de meu ventre e correr os caminhos do amanhã, foi porque na hora decisiva faltou-me munição, fui sabotado. Ficou para outra vez, eu a esperarei nas encruzilhadas, armado com minha espingarda de flores e perfumes, vestido com meu Carnaval inteiro, eu, o estrume de onde nasce a flor, o dedo duro, talvez o esperado Messias do capital e do truste. Não, Júri, não conteis sobre mim para afirmar vossa tirania e vossos privilégios. Quando gravei na pedra os mandamentos, não foi na intenção de criar o monopólio do maná, tampouco o latifúndio do deserto. Foi para abrir passagem ao homem em seu caminho. Tomarei de minha bomba atômica particular, subirei à luz na nave espacial, levarei meu velho revólver e de lá fuzilarei vosso pequeno mundo estercoreário, cuspirei o fim sobre vossa argamassa. Mas de que adiante fazê-lo, se Rosalinda escapou e, saltando sobre os séculos, construiu a fartura, a paz e a alegria? Quando a palavra matar desaparecer das tábuas da lei e do coração dos homens, Quando, ah! Quando... Rosalinda?...

Silhueta feminina penetra e toma toda a cena.

EPÍLOGO: EPIFANIA

ver a morte despedida
despertar em desespero
ver a morte desmedida
no espelho do exagero
o triunfo do invisível
o sabor do impossível
que veneno é bom tempero

ter excesso de enterro
latifúndios de deserto
ter a terra e o desterro
deformar o que for certo
que certeza não tem forma
a moral anda sem norma
e pecado é bom por perto

crer que o sangue do prazer
só conhece o corpo humano
crer que a cruz nos faz sofrer
só aumenta o nosso engano
vamos nós sangrar a santa
vamos nós rasgar a manta
amanhã não cai mais pano

ver o vento, o tom do ar
nos pulmões da sociedade
ver a dança do bilhar
nos castelos da cidade
a largura do prepúcio

a mentira do anúncio
que o delírio é de verdade

ter os membros mastigados
de bandeja ter jantares
e não ter esartejados
todos sonhos sempre em pares
apalpar sua luz funda
e a célebre bunda
que merece dez altares

crer a lâmina é capacho
nunca corta quem queria
crer a fé que faz despacho
faz também a rezaria
mas, porém... fico no 'enfim'
pois não há vaso ruim
que se quebre na Bahia

ser caboclo sem cocá,
sem cacique, sem arena
ser quilombo com ifá
com terreiro e pena
desamado ou amado
solitário ou afamado
triunfar, morrer, em cena